

A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA COMO ELEMENTO DE REPRESSÃO E PODER NA ARGENTINA PERONISTA

Raquel Paz dos Santos

Mestre em Memória Social e Documento (UNIRIO) e professora da UNIG.

Esta comunicação pretende abordar as questões referentes à construção da memória do peronismo e à repressão, com base nas políticas desenvolvidas pelo Estado argentino entre os anos de 1946 a 1955, visando forjar representações simbólicas que legitimassem seu poder, e buscando abolir do imaginário social toda representação da coletividade que ameaçasse a ordem vigente, mediante mecanismos de censura.

As recordações do povo argentino do general Juan Domingo Perón se remetem ao Golpe de Estado em 4 de julho de 1943. Como um dos principais idealizadores do movimento, ele tornou-se uma figura política de destaque, passando a acumular os cargos de vice-presidente, Ministro da Guerra e da Secretaria do Trabalho e Previdência Social. E, no exercício desta secretaria, adotou uma série de medidas¹ em benefício da classe trabalhadora, conquistando o seu apoio a ponto de organizar um movimento sindical centrado em sua figura.

Em 1945, Perón foi preso e afastado do governo por pressões das classes dominantes, contrárias a sua política trabalhista. Em 17 de outubro desse mesmo ano, uma manifestação popular na Plaza de Mayo, que exigiu a

1. Elevação do níveis salariais, obrigatoriedade do cumprimento das leis existentes, além da elaboração de novas leis, como o pagamento de férias e do *aguinaldo* (13o salário), criação de novos sindicatos, entre outras.

liberdade de Perón, marcou o início do movimento que durante várias décadas se denominou *peronismo*. Estudiosos argentinos, como Neiburg, definem este acontecimento como *mito de origem do peronismo*², ou como *acontecimento-mito*, no dizer de Alberto Ciria.³

O 17 de outubro, caracterizado como *Día de la Lealdad*, foi adotado como comemoração do regime, passando a se constituir num ritual que reconstruía simbolicamente a comunicação entre Perón e o povo, recriava e reforçava ainda mais a sua imagem carismática.

Outro aspecto importante dessa mobilização foi a apropriação pelos peronistas dos símbolos pátrios como o Hino Nacional e a bandeira, que se tornaram rituais. As marchas aconteciam ao redor dos monumentos dos heróis nacionais, especialmente San Martín. Por isso, os manifestantes de outubro se denominavam como o *verdadero povo*, reais representantes da nacionalidade argentina. Os setores políticos que se negavam a colaborar com o projeto governamental ficaram excluídos, sendo definidos como *antipatrióticos* ou *inimigos públicos*.

O 24 de fevereiro de 1946, quando Perón foi eleito presidente, demarca outro fato importante na fundação desta tradição política. Assim, as comemorações em torno dessas três datas assinalaram as etapas da ação revolucionária e tornaram-se imagéticas simbólicas da memória coletiva: primeiro, as Forças Armadas atendem o clamor do povo, logo após o apoio popular por ocasião da queda de Perón, e finalmente este apoio foi reafirmado com a sua vitória nas eleições.

O *Día de la Lealtad* foi apontado como o início da história da *Nova Argentina*, o passado a sua pré-história. Neste aspecto, destacava-se uma característica importante das políticas estatais que, apesar de reprovarem os valores originários da Revolução Francesa, se apropriaram das imagens criadas por ela. Foi exaltado o *mito da Revolução* e o iniciar triunfante de um novo tempo, o *esquecimento* do que ocorreu no passado definido como o tempo da

2. Segundo Federico Neiburg, existe uma ampla discussão a respeito da veracidade dos fatos que envolve o mito do peronismo, questionando se as mobilizações foram realmente das massas ou uma criação posterior da propaganda do regime. In: NEIBURG, Federico. *Os intelectuais e a invenção do peronismo*. São Paulo: Edusp, 1997, pp. 108 e 109.

3. CIRIA, A. *Política y cultura popular. La Argentina peronista, 1946-1955*. Buenos Aires: Ed. De la Flor, 1983.

injustiça, da *degradação da nação* e todo um complexo e profundo processo pedagógico de formação de indivíduos em consonância com os ideais peronistas.

Desta forma, como sucedeu na formação do imaginário revolucionário francês, o Estado argentino fabricou um repertório de novos símbolos pátrios com o propósito de glorificar e legitimar o poder instituído através do estabelecimento de valores que procuravam moldar os comportamentos individuais e coletivos de acordo com a nova ordem política e social. A implantação deste sistema simbólico em contraposição ao antigo (*a velha política*), produziu um conjunto de representações que impregnou a mentalidade da época e foi fundamental na construção da memória da nação.

No início de 1948, Oscar Ivanissevich, ao assumir a direção da Secretaria de Educação, procurou fazer a ligação da ideologia do regime com a doutrina da religião católica com a finalidade de convertê-la em uma verdadeira religião política.

As reformas realizadas no sistema educacional, incluídas nos currículos escolares, com a finalidade de divulgar a ideologia dominante através de revistas, livros e textos de leitura foram uma importante contribuição para a legitimação simbólica do regime. Através da educação Perón procurou superar a luta de classes, unindo todos os argentinos em um só desejo, valorizando as tradições e a história do país. Essas diretrizes educacionais foram fundamentais para a formação de uma identidade nacional coletiva.

Mariano Plotkin ressalta o trabalho desenvolvido pelo Secretário de Educação:

“Ivanissevich colaboró activamente en la organización de la liturgia peronista, formando parte del comité organizador de las celebraciones del Día del Trabajo y del 17 de Octubre. Además fue el autor de la ‘Marcha del Trabajo’ - canción obligatoria en todas las celebraciones oficiales - , y posiblemente también de la ‘Marcha Peronista’ (...) Los 17 de Octubre pasaron a ser grandiosas celebraciones en las que participaban alumnos de las escuelas primarias y secundarias, miembros de las fuerzas armadas y empleados públicos.”⁴

As representações construídas a partir destas políticas formaram o imaginário social do período, grandemente impregnado pelas imagens do presidente e de Evita. Ao dividirem a liderança da presidência da República

4. PLOTKIN, M. Rituales políticos, imágenes y carisma: la celebración del 17 de Octubre y el imaginario peronista 1945-1951. In: TORRE, J. C. (comp.). *EL 17 de Octubre de 1945*. Buenos Aires: Ariel, 1995. pp. 208 e 209.

desempenhavam funções distintas: «(...) Perón, expressão do poder masculino, ativo, atuava na vida pública, exercendo atividades políticas bem definidas, Eva Perón, a mulher classicamente feminina, representava a intuição, o sentimento, a emoção.»⁵ A lembrança dos dois líderes dirigindo a nação permaneceu indelével na memória dos grupos sociais como uma tradição ligada à crença na esperança de dias melhores e a um forte sentimento de patriotismo.

A simbologia construída em torno de Perón retratava-o como o *salvador da pátria* que teria redimido o povo argentino. Ele foi o elemento “fundador” da nova nação.

Segundo as análises de Halbwachs, a memória coletiva “se baseia na identidade e legitimidade de um grupo, na lembrança histórica, organizando-se em torno de um evento fundador que absorve os antecedentes e os posteriores.”⁶ Neste sentido, compreendemos como o governo peronista fundou uma memória com a qual se identificaram diversos setores da sociedade, jogando para o esquecimento os acontecimentos anteriores e posteriores ao regime, pois estavam dissociados de sua existência coletiva.

O presidente também era representado como o *pai dos trabalhadores*, o *pai dos descamisados*, o *primeiro trabalhador*, entre outros atributos elogiosos que supervalorizavam a figura do líder. Além de ser identificado com os *heróis nacionais*, ligados ao movimento de independência como San Martín e Rosas, no passado como no presente, o *condutor das massas* procurava promover a libertação da pátria.

Eva construiu uma imagem que a exaltava como *mãe dos descamisados*. Sua figura representava a mulher que sacrificou-se pelos *filhos da pátria* até sua morte. Considerada e idolatrada como *Chefe Espiritual da Nação*. Após seu falecimento em 1952, construiu-se no imaginário coletivo a representação da primeira dama como uma *santa*, devido à crença de sua total dedicação à causa dos humildes, em renúncia a própria vida. Esta imagem foi muito explorada pela propaganda ideológica do regime, procurando manter viva a lembrança de Eva e de seu trabalho.

5. CAPELATO, M. H. R. *Multidões em cena. Propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1998. pp. 270 e 271.

6. HALBWACHS, M. *Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990, p. 39.

Assim, enquanto a Perón coube a *missão salvacionista*, Eva assumiu o papel de *redentora*. A integração do *salvador* com a *redentora* foi uma situação favorável da qual se beneficiou o projeto peronista de construção de uma *sociedade ideal*: a *Nova Argentina*.

O conteúdo simbólico utilizado para atrair as massas também foi constituído por fotos, retratos, esculturas do presidente e de sua esposa, o escudo, a bandeira, expressões que caracterizavam o peronismo e suas políticas, as músicas, as datas celebradas pelo regime e os discursos proferidos pelos dois líderes.

A imagem dos *descamisados* se constituiu em um dos símbolos de maior expressão, que reafirmou o caráter popular do movimento. Genericamente, este termo significava povo, massa, porém no imaginário peronista afastou-se do sentido pejorativo original, para ascender à posição digna de *amigo do líder*, sendo um elemento fundamental para o pleno êxito do projeto governamental, pois era o *descamisado* quem *arregaçava as mangas* e realizava os esforços físicos imprescindíveis ao desenvolvimento do país. Neste aspecto, percebemos uma valorização do trabalho manual enquanto dignificação da produção primária e proletária. Com base nesses atributos, a classe trabalhadora passou a ser concebida como o “motor” da “revolução social” proposta pelo regime:

“Nestes momentos em que se transforma o destino da Pátria e em que a História altera o seu curso, ficará determinado, de maneira indelével, tudo o que se deve a esse povo descamisado que soube sacrificar o seu próprio benefício nos altares da coletividade, que é a sua Pátria. A esse conglomerado de trabalhadores deve a Argentina o seu presente e deverá o seu futuro. E, como este movimento já transpôs nossas fronteiras para deixar de ser peronismo e converter-se em justiça social, não será difícil que possamos, algum dia, dizer que a felicidade do mundo se deve ao descamisado argentino.”⁷

Este arsenal simbólico passou a impregnar o cotidiano dos argentinos com o objetivo de estabelecer o controle absoluto sobre as mentalidades, ou

7. “Os descamisados”: pronunciamento de Juan Perón por motivo da Festa do Trabalho, em 1o de maio de 1948. In: *A voz de Perón*. Buenos Aires: Sub-Secretaria de Informações da Presidência da Nação Argentina, 1950, p. 111.

seja, o domínio do imaginário social a ponto de impedir qualquer manifestação espontânea, contrária a seus interesses.⁸

A difusão deste ideário através de uma moderna e sofisticada propaganda ideológica e a criação de vários mecanismos de censura pelo Estado, garantiu o sucesso deste amplo e complexo trabalho de *doutrinação* peronista.

Ao iniciar seu mandato, utilizou-se de uma série de manobras políticas para silenciar os canais de difusão da oposição, apesar da liberdade de imprensa continuar sendo garantida pela constituição argentina. Lançando mão de pressões de ordem política e econômica, como ações de sabotagem, corrupção, violações das leis, barreiras para importação de papel, corte dos subsídios, suspensão dos direitos, o Estado foi aos poucos estabelecendo seu domínio sobre a edição de revista e jornais.⁹

Pelas notícias difundidas através rádios da época, recordar-se que foram proibidas as emissões que falassem sobre situações sombrias, relatos de tom sensacionalista, imorais ou mesmo que utilizassem modismos em prejuízo da linguagem, entre outros. Em 1946, através de um decreto, regulamentou-se o funcionamento das radiodifusões. No ano seguinte iniciaram-se as coerções para adquirir as emissoras, obtendo um resultado satisfatório:

“(...) Eva e Perón conseguiram o domínio total das ondas (...) A rádio ‘Belgrano’, opositora do governo, foi a primeira a passar para as mãos do Estado graças às pressões comandadas por Eva Perón (...) a primeira dama passou a pressionar os demais proprietários de rádio, que acabaram cedendo às investidas pelo poder. O controle das três cadeias de rádio, ‘Belgrano’, ‘Splendid’ e ‘El

8 Entretanto, esse propósito não foi atingido devido à incapacidade do regime em estabelecer um novo consenso diante da crise das instituições liberais no país, em decorrência da corrupção política e dos obstáculos a uma participação ampla de grande parte da população no governo. A falta de coerência ideológica associada à sua dinâmica de autoglorificação e ainda a tolerância inicial dos projetos alternativos, porém jamais abrindo espaço para a implementação dos mesmos, foram os principais fatores que produziram uma forte polaridade na sociedade entre adeptos e contrários ao governo.

9 Um exemplo dessas manobras foram as pressões sobre os jornais “La Prensa” e “La Nación”. O primeiro, devido à falta de papel foi reduzindo cada vez mais o número de páginas de suas edições, sendo confiscado em 1951 e entregue à CGT (Confederação Geral dos Trabalhadores), um dos principais órgãos de apoio ao governo. O segundo, ao publicar em meados de 1949 o testemunho de um estudante universitário que denunciou a prática de torturas e outros métodos de grande crueldade feitas pelas autoridades policiais à presos políticos detidos sem provas ou qualquer fundamento legal, teve a sua contabilidade vasculhada, resultando em penalidades e ainda teve sua cota de papel limitada. Diante de tais pressões, “La Nación” apoiou a Perón no seu segundo mandato.

Mundo', representou a incorporação de 45 emissoras em todo o país. A rádio San Juan recusou-se a ser incorporada e saiu do ar."¹⁰

O controle das rádios teve grande relevância na formação da memória do peronismo, pois garantiu a freqüente emissão dos seus princípios ideológicos, tornando-se um importante instrumento para consolidar sua legitimidade. Passou-se a exigir que, no mínimo, 50% da programação musical fosse nacional. Além disso, discursos do presidente e sua esposa eram transmitidos diariamente em boletins de meia hora, e ainda organizou-se programas de cinco minutos, "micros", onde artistas famosos engrandeciam as realizações do governo, fazendo comparações com os anteriores.

Neste contexto, as lembranças dos discursos difundidos pelo Estado relevam-nos que estes foram construídos em torno da bipolaridade e do maniqueísmo, enfatizando a luta entre Perón e seus adeptos contra os demais. Desta forma, na memória da época o lugar do "outro" era desprestigiado, pois a oposição não representava uma política construtiva que pudesse somar esforços para o desenvolvimento nacional, sendo definida como uma "força nociva" ao bem-estar dos argentinos.

"Os inimigos da ordem e da tranqüilidade pública não fazem parte de uma oposição construtiva e proveitosa. Ao contrário, atuam baseando-se em falsidades, calúnias e sofismas para enganar a opinião pública e não para esclarecê-la. Combatem o governo para debilitá-lo e não com o fim de orientá-lo. Falam do país não para beneficiá-lo, mas sim para obter seus proveitos pessoais." ¹¹

Neste embate simbólico projetou-se no imaginário social a contraposição entre o *moderno x arcaico, justo x injusto, moral x corrupção, verdadeiro x enganoso*. Uma das estratégias adotadas para reafirmar essas idéias foi a manter o Partido Comunista na legalidade. Sua presença reforçava a Terceira Posição ¹² visto que era um *inimigo* sempre visível para mostrar à população as causas das dificuldades do regime, sendo os comunistas acusados pela explosão de bombas e outros atentados, e volta e meia, presos. Além disso, servia para assinalar à

10 CAPELATO, M. H. op. cit., pp. 96 e 97.

11 PERÓN, J. op. cit., p.55.

12 O líder argentino afirmava que não estava filiado ao capitalismo ou ao socialismo, pois ambos estavam desconexos da realidade do país. Somente através da Terceira Posição, que era um moderno nacional, poderia se combater o imperialismo e as forças oligárquicas internas, tornando a nação independente.

oligarquia que esta alternativa seria muito mais ameaçadora a seus interesses do que a representada pelo peronismo.

A memória do povo argentino dos discursos exaltados de Eva Perón recorda-nos a ênfase dada aos benefícios de Perón aos trabalhadores e o repúdio aos comunistas, vistos como uma ameaça à integridade da pátria:

“Ao trabalhador, há que se pagar aquilo que ele justamente merece. E o General Perón, que continua sendo o mesmo coronel que na Secretaria de Trabalho e Previsão “trabalha noite e dia pela felicidade de todos os descamisados”, está lutando não somente para assegurar uma retribuição justa a todos os operários argentinos, mas também para consolidar definitivamente suas conquistas e para que ninguém se atreva a despojá-los delas “(...) Se algum dia os malvados, os delatores, os vende-pátria chegarem ao poder, isto seria a desgraça da Pátria”. Devemos estar atentos aos inimigos (...) devemos lutar para não “cair na imperfeição maior da sociedade, que é o comunismo...”¹³

Instituídos como um símbolo do *mal*, os comunistas eram igualados aos *inimigos imperialistas* e os políticos corruptos. Diante desta *ameaça*, exigia-se por parte do governo a adoção de uma postura ideológica que atendesse os anseios do povo e promovesse sua *libertação*:

“(…)O rechaço das possibilidades extremas que nos brindam o “capitalismo e o comunismo, não somente se fundamenta em sua desconexão com a estrutura íntima de nossa nacionalidade, senão também no fato de que sua adoção implica servir automaticamente ao neocolonialismo”, seja qual for seu signo doutrinário. “Optar por um Modelo Argentino equidistante das velhas ideologias e conseqüentemente decidir-se pela liberação (...)” A hora dos Povos está definitivamente em marcha. A Terceira Posição sustenta nosso acionar. O Terceiro Mundo constitui uma realidade irrefutável.”¹⁴

Ao guardarem em suas recordações essas concepções defendidas por ambos os líderes, os grupos identificados com o regime contribuíram para estabelecer a convicção de que os peronistas estavam corretos, pois apenas eles estavam capacitados a construir a *Nova Argentina*. Este aspecto destaca um ponto

13. PERÓN, E. *La palabra, el pensamiento y la acción de Eva Perón*. Presidencia. Subsecretaría de Informaciones: Buenos Aires, 1950, pp. 77 e 78(grifo nosso).

14. PERON, J. Do. *El Proyecto Nacional. Mi Testamento Politico*. Buenos Aires: El Cid. Editor/ Fundación para la Democracia en Argentina, 1982. p.p. 32,33 e 95(grifo nosso).

crucial na formação da memória dos estados nacionais: a “ética da convicção”, necessária a qualquer projeto nacionalista reformador para consolidar a legitimidade de suas práticas, ou seja, referendar a sua validade social.

Mesmo utilizando-se de todos esses artifícios, a alienação da maior parte da intelectualidade argentina do projeto estatal, devido ao fato de opor-se abertamente às práticas que considerava autoritárias, não concordava com a forma pela qual o povo era integrado na política e ainda pela postura antiintelectual de alguns setores do peronismo¹⁵, comprometeu o pleno êxito das suas políticas de caráter cultural. Assim, poucos foram os intelectuais de monta que assumiram a legenda de peronista.¹⁶

Porém, mesmo não sendo plenamente bem sucedida, esta intervenção estatal mostrou-se eficaz no sentido de construir um imaginário social capaz de introduzir em grande parte dos indivíduos um forte sentimento de patriotismo. Esta parcela da população acreditou e incorporou às suas crenças os valores cívicos, morais e éticos forjados pelo peronismo. A referência popular ao *calendário peronista* confirma estas análises. As datas mais significativas eram o 1º de Maio, o 9 de Julho, dia da Independência, e o 17 de Outubro.

As celebrações de datas cívicas possuem uma função de grande relevância na rememoração da nação. Elas sustentam a ideologia dos grupos dominantes, ao proporcionarem uma releitura do passado, fazendo com que alguns acontecimentos sejam enaltecidos e outros caiam no esquecimento, pois não atendem aos seus propósitos.

As memórias nacionais são, portanto, *cartas mitológicas para toda uma comunidade nacional*¹⁷ e, desta forma, visam definir esta comunidade. Sendo assim, são *hegemônicas e totalizantes: as memórias alternativas são consideradas irrelevantes, inverídicas e até ilegítimas*¹⁸ Em decorrência disso, observamos no

15. Como exemplo desta postura podemos citar um fato ocorrido na manifestação de 17 de Outubro de 1945, quando os trabalhadores para demonstrar sua oposição aos intelectuais que dias antes da queda de Perón, tinham feito um ato em contra a sua política, gritavam a frase: «Alpagartas sim, livros não».

16. Entre eles os escritores Angel Speroni, Valentín Fernando, Luis H. Velásquez, Manuel Gálvez, María Granata, Roberto Vagni, Leopoldo Marechal e artistas populares como Enrique Santos Discépolo, Homero Manzi, Cátulo Castillo, Tita Merello, entre outros.

17. FENTRESS, J. e WICKHAM, C. *Memória Social: novas perspectivas sobre o passado*. Lisboa: Teorema, 1992, p.165.

18 Idem.

Estado Peronista um hábil trabalho de manipulação da atividade de *lembrar* e *esquecer*, na formação de novos valores pátrios, procurando despertar o civismo nos argentinos, repudiando as memórias opostas.

A meta final do projeto nacionalista peronista era construir uma *comunidade organizada*, entendida como uma *sociedade ideal*, onde através da *justiça social* o Estado acabaria com a exploração dos ricos sobre os pobres, garantido aos *descamisados* uma vida digna, quando poderiam usufruir dos mesmos benefícios e gozos das classes mais abastadas, pondo fim ao conflito entre classes.

Para o estabelecimento dessa comunidade, era necessário que se reduzissem ao mínimo as manifestações dos grupos opositores ao governo, e ainda a estruturação de diversas corporações (sindicatos, grêmios, partido, entre outros) que representariam os diferentes setores da sociedade, sendo o Estado o responsável por este equilíbrio *orgânico*. Uma vez alcançada esta meta, seria inconcebível, *antisocial* que ocorressem perturbações da ordem. Por isso, seria *injusto* que determinados grêmios incitassem qualquer movimento grevista, pois a *paz social* já teria sido alcançada em todos os seus aspectos.

Ao se afirmar que um mínimo de questionamento das políticas estatais era uma condição necessária para a manutenção da harmonia na sociedade, adota-se uma postura autoritária e contraditória com um regime que foi instituído dentro das diretrizes de um estado de direito. Assim, a nação idealizada pelo peronismo afastava-se dos pressupostos defendidos pelo sistema democrático e legitimava as práticas repressivas como instrumentos necessários à construção nacional. Estes princípios fundamentaram a construção da memória do regime.

• • •

BIBLIOGRAFIA

CAPELATO, M. H. R. *Multidões em cena. Propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1998.

CIRIA, A. *Política y cultura popular. La Argentina peronista, 1946-1955*. Buenos Aires: De la Flor, 1983.

FENTRESS, J. e WICKHAM, C. *Memória Social: novas perspectivas sobre o passado*. Lisboa: Teorema, 1992.

HALBWACHS, M. *Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

NEIBURG, F. *Os intelectuais e a invenção do peronismo*. São Paulo: Edusp, 1997.

PERÓN, E. *La palabra, el pensamiento y la acción de Eva Perón*. Presidencia. Subsecretaría de Informaciones: Buenos Aires, 1950.

PERON, J. D. *El Proyecto Nacional. Mi Testamento Politico*. Buenos Aires: El Cid. Editor/ Fundación para la Democracia en Argentina, 1982.

_____. *A voz de Perón*. Buenos Aires: Sub-Secretaria de Informações da Presidência da Nação Argentina, 1950.

PLOTKIN, M. Rituales políticos, imágenes y carisma: la celebración del 17 de Octubre y el imaginário peronista 1945-1951. In: TORRE, J. C. (comp.). *EL 17 de Octubre de 1945*. Buenos Aires: Ariel, 1995.

SANTOS, R. P. «Nova Argentina»: imaginário de uma nação. Rio de Janeiro: UNIRIO (dissertação de mestrado), 2001.

_____. O cotidiano da “Nova Argentina”: a construção da memória do peronismo. In: LEMOS, M. T. T. Brittes e MORAES, N. A. (orgs.). *Memória, Identidade e Representações*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.